

A descrição da narrativa do óbito: último ato individual, não solitário

The death narrative description: last individual act, not solitary

Roberta Vasconcelos Mesquita Andrade¹ 
Beatriz Ferreira dos Santos² 
Nelma Aronia Santos³ 
Maristela Rodrigues Sestelo⁴ 
Ieda Maria Barbosa Aleluia⁵ 

¹Autora para correspondência. Universidade do Estado da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. robertavma@gmail.com

²⁻⁵Universidade do Estado da Bahia (Salvador). Bahia, Brasil. beatrizferreiradsantos@gmail.com, aronia68@gmail.com, sestelomaristela@gmail.com, iedaaleluia@gmail.com

RESUMO | INTRODUÇÃO: A morte é o último ato do personagem literário; apesar de ser um ato individual, não precisa ser solitário. Analisando os contos *Uma Vela para Dario*, *Um Corpo sem Nome* e a novela *A morte de Ivan Ilyich*, mostramos e discutimos como a morte é retratada na literatura. **DESENVOLVIMENTO:** Ensaíamos sobre a impossibilidade de partilharmos a morte; de modo a tornar-se um ato irremediavelmente individual. Também discorremos sobre o modo como ela é retratada de forma solitária na literatura, sobre o modo como se dá a negação da morte e o modo como a morte no hospital também se torna uma morte solitária. Ainda, tratamos sobre a anomia (conceituada como perda de nome, identidade e conexões sociais), e como ela é denunciada na literatura, revelando o extremo da solidão no óbito do personagem. Por fim, fizemos considerações sobre a possibilidade de tornar a morte mais confortável, quando a pessoa nesse momento da vida, está em contato com outras pessoas e comportamentos empáticos, apesar da dificuldade de se estabelecer verdadeira empatia quando se nega a própria morte. **CONCLUSÃO:** As obras trabalhadas mostram como a negação, a indiferença, a despersonalização e a falta de empatia tornam a morte, que já é individual, solitária. Alguns atos de empatia são demonstrados nas obras, revelando como o pensar, vivenciar e viver a morte podem ser naturalizados e empáticos quando se recusa a negação da morte.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Solidão. Empatia. Literatura.

ABSTRACT | INTRODUCTION: Death is the last act of the literary character, and it's individual, but it doesn't have to be lonely. We used the literary works *A candle for Dario*, *A body without a name* and *The death of Ivan Ilyich* to show and discuss how death is portrayed in Literature. **DEVELOPMENT:** We essayed about how death can't be shared, becoming an individual act. We also discussed how death is shown as lonely in Literature and how death denial and death in a hospital place make death a lonely act. Besides that, we presented about anomie (that we conceived as lack of a name, identity, and social connections) and how it is denounced in Literature, revealing the extreme loneliness in the death of the character. By the end, we considered how death can be more comfortable when the person in this moment of life is in contact with empathic people and behavior, despite the difficulty of people being truly empathic when they deny their own death. **CONCLUSION:** The literary works we used show how denial, indifference, depersonalization, and lack of empathy make death be more than individual, but lonely. Some empathic acts are shown in the literary works revealing that thinking, experiencing, and living death can be more natural and empathic when we refuse death denial.

KEYWORDS: Death. Loneliness. Empathy. Literature.

Introdução

Na literatura mundial, a morte é um tema constantemente descrito, havendo, inclusive, descrição de toda a narrativa do óbito, como na obra *A morte de Ivan Ilitch*¹, do aclamado escritor Leon Tolstói. Considerando que em uma obra literária o personagem é “aquele que age”, quando se trata de sua morte, que pode ser vista como seu último ato, não poderia ser diferente. Tendo isto em mente, aqui se ensaia sobre como a morte é um ato individual que, apesar de ser corriqueiramente expresso dessa forma, não precisa ser solitário. Assim, neste ensaio, será abordada a retratação na literatura do vivenciar, pensar e viver a morte, a partir dos contos *Uma vela para Dario*², de Dalton Trevisan, *Um corpo sem nome*³, de Adonias Filho, e a novela *A Morte de Ivan Ilitch*¹, de Leon Tolstói, que evidenciam o desamparo presente no momento da morte do ser humano a partir de cenas cotidianas.

Desenvolvimento

A morte como ato individual

A experiência da morte não só é única, como também é impossível de ser compartilhada. A literatura é capaz de simular esse compartilhamento, nos trazendo sensações que parecem nunca terem sido sentidas, mas que foram descritas por seres humanos ainda em vida no momento da escrita, sob a percepção deles do que acontece neste momento que ainda não experienciaram. Não somente não conseguimos partilhar do ato de morrer, já que aquele que morre não pode comunicá-la, como somos meros espectadores da vivência alheia da morte e só a vivemos na nossa própria vez⁴.

A morte solitária

O óbito se caracteriza pelo momento exato em que se declara a morte de uma pessoa. No entanto, este não é um processo meramente biológico. O ser humano, como animal racional, se distingue pela consciência da morte e desenvolve, mesmo culturalmente, em mecanismos protetores e compensadores diante da certeza do fim da vida⁵. Nesse sentido, a consciência da morte é humana e, embora a morte seja um assunto

cotidiano, sempre é referida aos outros, como se nos parecesse distante. Na novela *A Morte Ivan Ilitch*, Tolstói¹ traz exemplos de negação da morte, destaca-nos excertos:

O exemplo (...) “Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal”, parecera-lhe a vida toda muito lógico e natural se aplicado a Caio, mas certamente não quando aplicado a ele próprio.

E Piotr Ivanovich animou-se outra vez e passou a perguntar interessadamente sobre os detalhes da morte de Ivan Ilitch, como se a morte fosse uma fatalidade à qual somente Ivan Ilitch estivesse sujeito e ele não.

Nesse contexto, observa-se que, quando se lida com a morte tentando negá-la, como se fosse possível excluí-la do cotidiano ou não aceitando que ela é uma etapa normal da vida, constrói-se um ato solitário, tanto para si, ao se fechar em negação, como para aquele que está no processo de morrer, na tentativa de afastar a morte do convívio social. A negação em falar sobre a doença e a morte leva a uma ruptura na comunicação, o que, com o tempo dificulta, a comunicação e leva o paciente ao isolamento⁶.

No cruel enredo da morte solitária do protagonista, vale ressaltar que Tolstói¹ narra como Ivan Illich assiste a morte se aproximar e se dá conta da profunda falta de piedade e solidariedade de amigos, família e médicos, de forma que o livro se tornou um dos testemunhos mais comoventes do papel que o sofrimento e a solidão causam ao fim da vida. Nesse cenário, o que causa o sofrimento, entre outras coisas, é a desinformação, e também sentir que a autonomia e os valores pessoais foram deixados de lado, em detrimento de decisões médicas que não levam em consideração suas necessidades e desejos, como pode ser observado no fragmento do livro¹:

O que mais atormentava Ivan Illich era o fingimento, a mentira, que por alguma razão todos eles mantinham, de que ele estava apenas doente e não morrendo e que bastava que ficasse quieto e seguisse as ordens médicas que ocorreria uma grande mudança para melhor.

Assim, mais uma vez, a ruptura na comunicação leva um paciente ao isolamento.

Ainda, até pouco tempo atrás, o homem enfrentava a morte em casa, estando junto à família e amigos, sendo raro o doente ser encaminhado ao hospital para morrer⁷. Atualmente, a maioria das mortes ocorre no ambiente hospitalar, onde as necessidades físicas do doente são atendidas, devido ao grande avanço da medicina, porém, ainda é preciso trabalhar o que foi muito bem retratado com Ivan Ilitch¹: o descuido sobre sentimentos e emoções dos doentes - característico do modelo biomédico⁸. Além disso, a morte solitária torna-se mais provável, visto que, em geral, o homem morre sozinho, em um leito de hospital, longe de seus familiares. Logo, o hospital passa a ser o novo local para a morte, modificando a narrativa do óbito na atualidade, tornando-a mais difícil e dolorosa. Conforme Norbert⁹, “nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e nunca em condições tão propícias à solidão”. Por outro lado, mesmo a morte domiciliar pode ser marcada pelo isolamento, como revela o livro de Tolstói¹.

O personagem sem nome

Para contextualizar nossa discussão, iremos conceituar, brevemente, a palavra “anomia”, que pode ter diversos significados na medicina e na filosofia, mas, nesse ensaio, a definiremos como a perda individual de nome, identidade ou conexões sociais.

De forma trágica, tocante e cruel, a figura da pessoa sem nome é fotografada por Filho³ no conto *Um corpo sem nome*, no qual o protagonista testemunha a morte súbita de uma mulher desconhecida na rua e busca saber, através do inspetor da polícia, que destino ela teve. A solidão da personagem que morre é revelada pela sua anomia, pela falta aparente de relações, sem ser reconhecida e nomeada por alguém, como esclarece a passagem do conto³: “- Não, ninguém a reconheceu! Foi para o cemitério como a morta do Largo da Palma.”. Da mesma forma, no conto *Uma Vela para Dario*, o escritor Trevisan² retrata a cena de um homem, Dario, que cai na rua, seguida de um espetáculo público, onde pessoas assistem a morte do desconhecido com indiferença. Ao longo do enredo, o homem morre: sem identidade, bens ou compaixão¹⁰, marcando a absoluta solidão do personagem anônimo, que morre sozinho mesmo estando envolto de pessoas. O único ato de empatia se mostra através de um menino que acende uma vela para

ele, mas, no fim, Dario se torna somente um corpo morto e abandonado. Esses dois contos^{2,3} desvelam o que acontece todos os dias e ninguém nota: como as pessoas morrem e são esquecidas, não necessariamente nessa ordem.

Nesse entendimento da anomia como um fator que contribui para uma morte solitária, o documentário *Solitário Anônimo*¹¹, produzido em 2007 pela antropóloga e professora Débora Diniz, relata a história de um idoso que abriu mão de sua própria identidade para morrer, pois assim imaginava que não seria incomodado. Indo para outra cidade para se desligar de todas as relações, ele objetivava ser um homem sem história e sem vínculos, demonstrando a importância da identidade quando se busca evitar uma morte solitária, visto que a pessoa que está morrendo tem seu último ato em solidão, ao sentir que deixou de ter significado para os outros¹². A solidão, dentre outras formas, pode ser demonstrada pela exclusão social, destacada nos chamados “seres invisíveis”: pessoas que vivem nas ruas, cuja existência social é dita sem significado¹², como a mulher desconhecida da obra de Filho³, que ficou conhecida como A Morta do Largo da Palma.

A morte não solitária

Em contrapartida a toda essa solidão presente na narrativa do óbito, o autor de *A morte de Ivan Ilitch*¹ também relata o outro lado da moeda: quando a morte parece ser tão solitária, Ivan Ilitch descobre o conforto na presença do seu criado, Gerassim, uma vez que ele “era a única pessoa que entendia o que ele estava passando e lamentava por ele” (TOLSTÓI!). Apesar de a literatura científica mostrar que há estudiosos da mente humana que compreendem que o inconsciente não consegue conceber a ideia concreta do fim da vida¹³, é perceptível em Gerassim o que faltou a todos os outros personagens, mesmo o médico: empatia. Embora essa seja uma palavra de difícil conceituação, entende-se que empatia envolve compreender os sentimentos alheios¹⁴, com simulação emocional, tomada de perspectiva e compaixão pelo outro¹⁵, e isso é essencial para se estabelecer uma boa relação, conforto e, no âmbito do cuidado paliativo, alívio do sofrimento psicossocial e espiritual⁸. Portanto, por mais que a morte provoque sentimentos de negação nos indivíduos, é essencial pensar a morte, aceitar sua inevitável existência e aprender com ela⁵, para sermos melhores com aquele que realiza seu último ato e, inevitavelmente, com nós mesmos.

Conclusão

Assim, a literatura nos mostra diversos aspectos que tornam a morte solitária, como um reflexo e uma denúncia do que acontece na realidade. Entre negação, indiferença, despersonalização e falta de empatia, as obras literárias trazidas aqui retratam de forma crua e cruel como o último ato dos personagens não foram somente individuais, mas também solitários. Como feixes de luz na escuridão que envolve a narrativa do óbito, alguns atos de empatia são demonstrados, revelando então como o pensar, vivenciar e viver a morte podem ser naturalizados e empáticos quando se recusa a negação da morte.

Contribuições das autoras

Aleluia IMB, Sestelo MR e Santos NA contribuíram com conteúdo intelectual crítico. Santos BF e Andrade RVM fizeram aquisição, análise e interpretação de dados para o trabalho, além de escreverem o manuscrito.

Conflito de interesse

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Referências

1. Tolstói L. A morte de Ivan Ilitch. Reimpressão. Brasil: L&PM EDITORES; 2007.
2. Trevisan D. Uma vela para Dario. In: Moriconi I. Os cem melhores contos brasileiros do século. Brasil: Objetiva; 2009. p. 279-80.
3. Filho A. O Largo da Palma. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2005. p. 71-82.
4. Guerreiro E. A Ideia de morte: do medo à libertação. Diacrítica [Internet]. 2014 [citado em 2020 ago. 13];28(2). Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000200012&lng=pt&nrm=iso
5. Silva AO. Sobre a morte... e a vida! REA [Internet]. Abril 2012 [citado 2020 ago. 13];11(131):145-8. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16685>
6. Azeredo NSG, Rocha CF, Carvalho PRA. O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de Medicina. Rev. bras. educ. med. 2011;35(1):37-43. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022011000100006>
7. Ariès P. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias [Internet]. Brasil: Ediouro; 2003. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=AgSikWRUU6oC&pgis=1>
8. Montanari CC. Cuidados paliativos: um comentário sobre o livro A morte de Ivan Ilitch. Rev. bras. psicoter [Internet]. 2016 [citado em 2020 ago. 13];18(1):131-5. Disponível em: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=196
9. Elias N. A solidão dos moribundos, seguido de "Envelhecer e morrer". 1a ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
10. Carvalho MIVP. A morte na ficção literária: uma leitura psicanalítica de Memórias Póstumas de Brás Cubas [dissertação] [Internet]. Curitiba: Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná; 2002. [citado em 2020 ago. 13]. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24479/D%20-%20CARVALHO,%20MARILZA%20IZIDRO%20VIEIRA%20PACHECO%20DE.pdf?sequence=1>
11. Diniz D. Solitário anônimo [Internet]. Brasília: Instituto de Bioética , Direitos Humanos e Gênero; 2007. Vídeo: 18 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uTZEDtx8noU>
12. Menezes RA. A solidão dos moribundos: falando abertamente sobre a morte. Physis Rev Saúde Coletiva. 2004;14(1):147-52. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100009>
13. Borges ADVS, Silva EF, Mazer SM, Toniollo PB, Valle ERM, Santos MA. Percepção da morte pelo paciente oncológico ao longo do desenvolvimento. Psicol. estud. 2006;11(2):361-9. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200015>
14. Saviato RM, Leao ER. Assistência em Enfermagem e Jean Watson: Uma reflexão sobre a empatia. Esc. Anna Nery. 2016;20(1):198-202. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160026>
15. Elliott R, Bohart AC, Watson JC, Greenberg LS. (2011). Empathy. Psychotherapy. 2011;48(1),43-9. <https://doi.org/10.1037/a0022187>